Apologética Cristã

TEOLOGIA ECLESIÁSTICA

CNPJ 07.905.126/0001-54

Conhecimento Teológico ao seu alcance!

Prof. Eliel Queres Santana

Conselho Editorial
Edmilson P. Santana - Eliel Queres – Thaís de Araújo

"Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o tens aprendido e que desde a tua meninice sabes as sagradas Escrituras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus. Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, Para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra". 2 Tm 3. 14-17.

"Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar".

TEOLOGIA ECLESIÁSTICA

Apologética Cristã

Prof. Eliel Queres Santana

Eliel Queres Santana
Graduado em História pela UERJ; Bacharel em Teologia pelo CITERJ; Pós-graduado em Ensino de História pela FAMART; Pós-graduado em Ciências da Religião pela FAMART; Coordenador Geral e Professor no CITERJ; Professor de História, Ensino Religioso e Filosofia; Evangelista na Igreja Presbiteriana de Rio do Ouro; Escritor: "De mal a melhor: O caminho da santificação; Professor de História da Igreja, Novo Testamento, Ética Cristã, Apologética Cristã, Homilética.

CITERJ
CENTRO INTERDENOMINACIONAL DE TEOLOGIA
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Reflexão: Escrituras e Teologia

"A bíblia é a Palavra de Deus inerrante e infalível no propósito para a qual seu autor (Deus) a determinou. É suficiente para redimir o homem levando-o de volta a Deus. Nela encontramos consolo e orientações de modo suprir as necessidades do nosso corpo, alma e espírito.

Tendo como fonte primária as escrituras sagradas, a teologia tem por finalidade "melhorar" o entendimento quanto às ideias e temas apresentados na Palavra. Ela auxilia no processo de iluminação das verdades revelada na Palavra. A teologia ainda organiza de modo lógico os assuntos na bíblia; combate pensamentos culturais perniciosos; combate o relativismo cultural; o materialismo; auxilia na consolidação de um caráter genuinamente cristão e no ministério desse exercício. Estude e ame a Palavra de Deus. O Espírito Santo que está entretecido nela o iluminará. Nunca, porém despreze a ferramenta para tal: **a Teologia**."

Edmilson P. Santana

Diretor Geral

DIRETORIA EXECUTIVA 2022

Coordenação Pedagógica: Pr. Alessxsandre Borges

Coordenação Administrativa e Secretaria: Eliel Queres

Coordenação de Pós graduação: Dra Thais Araújo

Diretor Geral: Pr. Edmilson P. Santana

CONSELHO ACADÊMICO

Rev. Jonas Rosa Murta

Pr. Vanildo Severiano

Demais membros:

Dr. Marinaldo Geremias Pra. Aida Correa da Conceição Dra. Thais N. de Araújo	Dr. Marcio Lima Pr. Miguel Pereira Pinto Dr. Zenóbio da Fonseca

"Procura apresentar a Deus aprovado, como obreiro
que não tem do que se envergonhar"

O *Centro Interdenominacional de Teologia do Estado do Rio de Janeiro* – CITERJ, nasceu do desejo de seus fundadores – *Edmilson Pereira Santana,* pastor, bacharel em Teologia pelo IBE em 2004 e licenciado em Teologia pelo IBADERJ em 2007. Graduado em teologia pela Faculdade de Ciências, Educação e Teologia em 2011, pós graduado em Gestão Estratégia de Pessoas pela Universidade Estácio de Sá & Havard Business School, em 2019 e mestrando em Ciências da Religião pelo CITERJ ; *José Pedro de Assis, (In memorian)* pastor da Igreja Congregacional Missionária Ministério do Evangelho Integral em Inoã - Maricá - RJ, mestre em Ciências da Religião pelo Seminário Teológico Congregacional do Estado do Rio de Janeiro - SETECERJ, graduado em História pela Universidade Federal Fluminense - UFF, pós-graduado em Ciências Políticas pela Universidade Metodista BENNETT - RJ e História do Brasil pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ e *Alanir Morais*, pastor da igreja Metodista em Rio do Ouro SG-RJ, bacharel em Teologia pela Universidade Metodista BENNETT, com especialização em capelania pela Faculdade de Educação e Teologia - Faculdade Universal- FATUN-RJ, e pós-graduando psicanálise clínica, pela sociedade psicanalítica Brasileira.

Os três professores e homens de Deus acima desejavam implantar em sua comunidade um curso teológico de linha interdenominacional, emanados do desejo e paixão dos mesmos pelo estudo e ensino teológico.

Após diversas reuniões promovidas por eles, e reunindo os líderes de diversas igrejas da comunidade e adjacências, num espaço de aproximadamente quase dois anos, nasce o CITERJ.

O CITERJ surgiu em parceria com a AECB – Aliança Eclesiástica Congregacionalista Brasileira – um órgão já instituído há tempos, com intuito também em seu estatuto de organizar um seminário de estudos teológicos.

A diretoria do CITERJ é formada por um colegiado composto por 1 Diretor Geral, 1 Coordenador Pedagógico, 1 Coordenador Administrativo, 1 Coordenador de Pós graduação e um Conselho Acadêmico formado por pastores de diversas igrejas e denominações.

Que Deus continue abençoando o propósito destes homens de Deus e os conduzam no caminho que devam andar. Que conservem a boa e correta interpretação das escrituras em seus ensinos por onde quer que o CITERJ chegue.

Deus abençoe.

Pr. Miguel Pereira Pinto

Presidente da AECB

SUMÁRIOS

ASSUNTOS	PÁG
Introdução	06
Fé e razão se misturam?	07
Você tem fé para ser ateu?	09
Construindo convicções, dissipando as dúvidas	19
A Bíblia é infalível?	28

CENTRO INTERDENOMINACIONAL DE TEOLOGIA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CITERJ

INTRODUÇÃO:

A fé cristã, longe de ser uma crença cega, convida à reflexão, ao diálogo e à busca por fundamentos sólidos. A apologética surge como uma ferramenta essencial para responder aos questionamentos do nosso tempo, demonstrando que a verdadeira fé não apenas coexiste com a razão, mas também a ilumina. Neste estudo, exploraremos temas cruciais para fortalecer nossa convicção e dialogar com um mundo cheio de dúvidas:

- **Fé e razão se misturam?** Será que acreditar em Deus é irracional ou há uma harmonia entre a revelação divina e o pensamento lógico?
- **Você tem fé para ser ateu?** Analisaremos os pressupostos por trás do ceticismo e como a descrença também exige um tipo de "fé".
- **Construindo convicções, dissipando as dúvidas:** Como desenvolver uma fé robusta, capaz de enfrentar os desafios intelectuais e emocionais da vida.
- **Argumentos para a existência de Deus:** Examinaremos as evidências filosóficas, científicas e históricas que apontam para a realidade do Criador.

Prepare-se para um mergulho profundo, onde a verdade não teme o questionamento, e a fé se revela tanto um dom quanto uma conquista da mente e do coração. Vamos juntos nessa jornada!

I. FÉ E RAZÃO SE MISTURAM?

Na atualidade, interpreta-se fé e razão como coisas diametralmente opostas, que não podem de modo algum convergir. Em algum momento da história da humanidade chegou-se à conclusão de que fé e razão residiam em pólos opostos. Mas, será que é essa a realidade que encontramos na Palavra de Deus e ao longo da história da Igreja?

Observemos a parábola do semeador, em Mateus 13. A semente foi lançada em vários tipos de solos, mas somente na terra boa é que a semente produziu frutos. Jesus explica no versículo 23 que a terra boa foi aquela que ouviu e compreendeu. Santo Agostinho, um dos mais importantes pais da Igreja disse que: "Creio para compreender e compreendo para crer melhor". Para ele não havia tal distanciamento entre fé e razão. E de fato, quando olhamos para a Palavra de Deus não enxergamos isto.

Em Efésios 3:17-19 o apóstolo Paulo não faz nenhuma diferenciação entre fé e razão, mas parece mostrar que uma complementa a outra. Constantemente ele ora a Deus pedindo que seus irmãos em Cristo sejam cobertos de entendimento e sabedoria. Em sua carta aos Colossenses ele diz: "Pensai nas coisas que são de cima", deixando claro que, no que concerne às coisas espirituais, devemos também fazer o uso da razão. Em Romanos 12 Paulo orienta os cristãos a prestarem a Deus um culto racional.

John Stott, em sua obra "Crer também é pensar" diz que "é um grande erro supor que a fé e a razão são incompatíveis. [...] Pelo contrário, a fé verdadeira é essencialmente racional, porque se baseia no caráter e nas promessas de Deus. [...] Fé é uma confiança racional, uma confiança que, em profunda reflexão e certeza, conta o fato de que Deus é digno de todo crédito". Disto, Stott conclui que: "a fé e o pensamento caminham juntos, e é impossível crer sem pensar".

COMO FÉ E RAZÃO SE SEPARARAM?

Ora, se na Bíblia Sagrada, e tão pouco na história da Igreja, vemos tal divisão entre fé e razão, então onde foi que isso começou? Na Igreja Primitiva não há

indícios desta divisão e na história observamos a Filosofia Medieval, que dividida entre Patrística e Escolástica, nunca fez tal diferenciação como vemos hoje. Mas tudo isso surgiu recentemente (em tempo histórico) com o Iluminismo e o Racionalismo.

No século XVII nasce o Iluminismo e o Racionalismo. O Racionalismo, que tem suas bases em René Descartes, eleva a razão a um patamar elevado, como a única forma de o ser humano conhecer o que é verdadeiro. O Iluminismo, por sua vez, acreditava que o racionalismo iria conduzir a humanidade ao progresso e ao sucesso, em contraste com as "Idades das Trevas". Em boa parte poderia-se atribuir o apego à razão em detrimento da fé pelos problemas inerentes a Igreja da Idade Média (Igreja Católica Apostólica Romana) que promoveu banhos de sangue e manteve a Bíblia Sagrada escondida dos fiéis. A corrupção do clero, a venda de indulgências para perdão dos pecados, as guerras religiosas, etc. pode ter provocado uma reação anti-religiosa. Tanto é que muitos ateus hoje se fazem valer desses argumentos para dizer que não há Deus. Segundo Rodrigo Silva, é um século depois do surgimento do Iluminismo e do Racionalismo, ou seja, no século XVIII, que surge o ateísmo de modo sistematizado.

O ateísmo cresceu de forma que alguns pensavam que a religião estava fadada ao fracasso e que em pouco tempo iria acabar. Paralelo ao crescimento do ateísmo, e da exacerbação da razãoem detrimento da fé, muitos teólogos não souberam manter o equilíbrio entre fé e razão como seus antepassados e daí surge o Liberalismo Teológico, que deu cada vez mais força ao ceticismo e ao secularismo.

O tempo acabou por demonstrar que os Iluministas estavam errados no tocante à melhoria e ao avanço da civilização humana caso a religião fosse retirada de cena. Pois tempos depois a europa se viu presa em duas grandes guerras que devastaram a vida de milhares de pessoas. O sofrimento fez com que muitas pessoas voltassem novamente seus olhares para Deus, e a religião ganhou uma "sobrevida".

No entanto, hoje em dia, esse processo de secularização continua e muitas Igrejas na europa tem sido fechadas e em seu lugar bares e mesquitas têm sido abertos. Há vários países que já contam com mais de metade da população

ateia. A Suécia tem cerca de 85% da população de ateus, a Dinamarca, por exemplo, tem 80% da população de ateus. O que tem acontecido?

Recentemente estamos vendo o surgimento do chamado "Novo Ateísmo", e ele é muito mais hostil do que os movimentos anteriores, liderado por homens como Richard Dawkins, Peter Atkins, e Christopher Hitchens. Todos eles já debateram com o grande apologista cristão William Lane Craig, e em grande parte, foram envergonhados. Nesta unidade e ao longo do curso mostraremos como é louca e vã a visão de mundo ateísta. Apesar de vir crescendo nos últimos anos, veremos como o ateísmo é fruto da desinformação e - até mesmo - da falta de razão! Sim, pois a razão aponta para o Criador.

II. VOCÊ TEM FÉ PARA SER ATEU?

O código genético e a necessidade de intervenção inteligente

Já vimos que a teoria da "geração espontânea" não passa de especulação e fé dos ateus, por não haver observação nem exemplos científicos de algum fenômeno semelhante. No entanto, se nos aprofundarmos mais a respeito do DNA, ficará mais claro para nós sobre como o ateu tem mais fé do que o crente.

O ser humano tem em média 37 trilhões de células em seu corpo, e a ciência descobriu que no núcleo dessas células há o DNA. Ele possui uma estrutura em formato de hélice e é formado por quatro bases de nitrogênio que recebem o nome de adenina, timina, citosina, e guanina, representadas pelas letras A, T, C e G. Essas letras são conhecidas como "alfabeto genético". São elas que transmitem uma mensagem singular para que os aminoácidos e as proteínas se encaixem perfeitamente formando as células, e as células formam tecidos e os tecidos formam os órgãos. Por isso que dizemos que o DNA contém a informação necessária para vida. É como se fosse um disco rígido de computador, que tem um banco de dados.

O DNA transmite informações, mas quem as interpreta? O RNA funciona como uma cópiado DNA. O DNA está dentro do núcleo da célula, o RNA, que opera como uma cópia do DNA, leva a informação para fora do núcleo da célula, até chegar ao

Ribossomo, que interpreta, codifica as informações do DNA, e assim produz proteínas. Para termos noção da quantidade de informações produzidas pelo DNA e interpretadas pelo Ribossomo:

> Os genomas, ou melhor, o DNA que os codifica, são em geral muitos extensos: o DNA de uma bactéria E. coli contém cerca de 4 milhões de letras e preencheria mil páginas de um livro, enquanto um genoma humano contém mais de 3,5 bilhões de letras e preencheria uma biblioteca inteira. A título de curiosidade, o comprimento real do DNA firmemente bobinado numa única célula humana é de aproximadamente 2 metros. Como no corpo humano há cerca de 10 trilhões (= 10^{13}) de células, o comprimento total do DNA é de20 trilhões de metros, número que nossa mente nem consegue imaginar. (Lennox, John C, 2016, p. 172)

Assim, somos levados a admitir uma alta complexidade que exige inteligência dentro de nós. Bill Gates afirmou que o "DNA é como um programa de computador, mas muito, muito mais avançado do que qualquer software que já criamos."

ENTÃO POR QUE AINDA HÁ ATEUS?

Diante de tais argumentos sólidos, racionalmente formulados, e de tantas evidências, como ainda existem ateus? Os ateus suportam as evidências e os argumentos a favor da existência de Deus porque eles já estão comprometidos com a sua fé, a sua fé na não-existência de Deus. Algum ateu já afirmou que mesmo que se Deus aparecesse em sua frente se revelando, ele iria negá-lo e diria que seria uma ilusão de sua mente. Tudo isso revela uma *vontade, fé, desejo,* a priori, para negar a existência de um Deus. Vejamos como isso se dá, primeiramente, na ciência.

O materialismo e o naturalismo são linhas de pensamentos que afirmam que só o que existe é o natural e o físico, nada além disso pode ser concebido. Logo, apenas explicações físicas e naturais podem ser consideradas válidas. Segundo Marcos Eberlin a ciência hoje é dominada por essas correntes, também nomeada

de "naturalismo filosófico". Por isso, as únicas explicações que são consideradas "científicas" são aquelas que se limitam ao físico e ao natural, e isto é o porquê do Design Inteligente não ser considerado ciência por alguns, justamente pois faz alusão a uma causa sobrenatural. Logo, não importa o que aconteça, ou para o quê os dados apontam, os cientistas se apegarão sempre a causas naturais, pois possuem fé no naturalismo e no materialismo. Desse modo, a vida sempre se limitará a elementos químicos inanimados. Veja o que Norman Geisler diz sobre isso: "A geração espontânea por meio das leis naturais tem de ser a causa da vida porque eles não consideram nenhuma outra opção." A ciência é escrava da filosofia!

Como sabemos que o materialismo é falso? Em primeiro lugar, e de forma muito simples, se podemos pensar sobre ele já é sinal de que existe algo além do material, justamente pois estou *pensando* na possibilidade do materialismo ser falso ou verdadeiro. Pensamentos e teorias não são materiais. Nesse sentido, a própria teoria do materialismo refutou o materialismo, uma vez que "a teoria não é feita por moléculas." (GEISLER, p. 132). Em segundo lugar, vimos que existe uma mensagem na vida (o DNA), existe uma enorme quantidade de informação em nossas células, e informação não é material. Em terceiro lugar, se apenas uma das milhares e milhares de testemunhos de experiências espirituais for verdadeira, logo o materialismo é falso. E por último, a própria razão e a consciência anulam qualquer possibilidade de que o materialismo seja verdadeiro. Os ateus e darwinistas creem que a mente surgiu a partir de matéria inanimada e sem nenhuma intervenção inteligente. O materialismo não pode explicar a racionalidade. Os materialistas tentam responder com a teoria chamada de "fisicalismo", dizendo que o ser humano é "apenas um sistema físico", e que a consciência evoluiu da matéria! Mas aí jaz a incoerência! Como pode matéria morta e não-inteligente criar a racionalidade? O efeito é maior do que a causa?

Diante disso tudo, não seria absurdo dizer que a ciência prova Deus. A questão é que a prova nunca vai satisfazer aqueles que já estão predispostos a acreditar que não existe Deus. Veja por exemplo, Carl Sagan, ele sabia da enorme complexidade da vida, e da infinidade de informações dentro de nós, e mesmo assim, era materialista:

> "A informação contida no cérebro humano expressa em bits é provavelmente comparável ao número total de conexões entre os neurônios - cerca de 100 trilhões de bits. Se fosse escrita em inglês, digamos, essa informação encheria 20 milhões de volumes, o equivalente em volumes ao acervo das maiores bibliotecas do mundo. A equivalência de 20 milhões de livros está dentro da cabeça de cada um de nós. O cérebro é um lugar muito grande num espaço muito pequeno [...] É o circuito de uma maquina mais maravilhosa do que qualquer uma que o ser humano já tenha visto."

Portanto, concluímos que é uma questão de fé dos materialistas e dos ateus, como já temos demonstrado. Mas, diferente da fé cristã, é uma fé irracional.

O argumento moral

O ateu Christopher Hitchens debateu com o apologista cristão William Lane Craig, e viu-se totalmente bombardeado de argumentos e provas irrefutáveis que apontavam para a evidência de um Criador. Ao longo de todo debate, Hitchens não foi capaz de refutar nenhum dos argumentos levantados por William Craig, nem mesmo de fornecer uma base sólida para seus argumentos com evidências científicas. Mas, a única coisa (praticamente) que Hitchens fez, em todo debate, foi falar do problema do mal como um apontamento para não existência de Deus. Aliás, em seu livro chamado "Deus não é grande: Como a religião envenena tudo", esse é o foco de seu argumento.

Há muito tempo, um dos argumentos preferidos dos ateus é: "Se Deus existe, por que há mal no mundo?". Nós iremos responder melhor a esse tipo de questão na quarta unidade, mas por agora, mostraremos como que essa perspectiva na verdade mostra que Deus existe, e não o contrário.

Argumentos iniciais

Ao falar sobre o mal e a injustiça que há no mundo, Hitchens acaba reconhecendo, paralelamente, que há noções claras e definidas sobre o que é bom e justo. E a questão é: De onde ele tirou as noções do que é bom e justo? C.S Lewis dá uma boa resposta. Ele fala da Lei Moral, que está impressa dentro de cada homem. Ele exemplifica isso em seu livro "Cristianismo puro e simples". Seu primeiro argumento para existência de Deus é o argumento moral. Ele diz que em uma briga (discussão) sempre podemos ver duas pessoas (ou mais) tentando reivindicar um direito, algo que elas sinceramente acreditam ser certo. Segundo ele, o "intuito da briga é mostrar que o outro está errado". O que as pessoas tentam fazer em uma briga é mostrar que por este ou aquele outro motivo elas estão certas e a outra errada. No entanto, não faz sentido isso acontecer se não houver um consenso mútuo sobre a existência do certo e do errado. De igual modo, não faria sentido às pessoas pedirem desculpas umas às outras se não houvesse um acordo sobre qual é o modo correto de agir. Além disso, se dissermos que certo e errado não existem, estaremos também afirmando que não existe tal coisa como justiça e a injustiça, pois tudo é ponto de vista. Mas, sabemos que não é bem assim, porque de fato, o mundo em que estamos inseridos é cheio de injustiça! Ironicamente, não podemos fazer essa afirmação se não acreditarmos que existe o certo e errado. C.S Lewis diz que por mais que uma pessoa afirme que não existe certo ou errado, ela vai apelar para isso logo que você faça um mal a ela. Em outras palavras, ninguém consegue realmente viver como um relativista moral. Nenhum relativista moral espera que seu cônjuge seja relativista em relação ao adultério, por exemplo. Nenhum relativista moral, quando insultado e injustiçado, vai dizer "É relativo!". Não, pelo contrário, ele vai atrás de seus direitos, acreditando que aquilo é certo.

Se certo e errado não existem, então não há diferença entre as ações de Hitler e de Madre Teresa, não há diferença entre a tortura e o assassinato de milhões em comparação a ajuda e socorro prestado a muitos outros seres humanos. Não existiria tal coisa como virtude e boa vontade. No entanto, como a Lei Moral, está gravada em nosso interior, simplesmente sabemos que não é assim. Existe um padrão absoluto que nos diz que algo está certo e que outra

coisa está errada. Isso é uma Lei gravada em nosso interior, e como toda Lei tem um autor, devemos crer que alguém a estabeleceu dentro de nós.

1. Toda lei possui o criador da lei
2. Existe uma lei moral
3. Portanto, existe o Criador da lei moral

Argumentos filosóficos

Algumas pessoas dizem que a moralidade é algo que se dá por meio da educação, algo que foi ensinado por gerações de modo que se instalou dentro de nós. E por isso, não é uma lei universal que está dentro da cada homem, mas algo aprendido e perpetuado por gerações. O ex-ateu C.S Lewis discorda dessa ideia, argumentando que do mesmo modo que não podemos inferir que a tabuada seja uma simples invenção humana, não podemos dizer o mesmo da Lei Moral, porque ela é objetiva, tal como a matemática! O argumento de C.S Lewis é que por mais que existam diferenças de ideias morais entre povos e épocas, sempre iremos enxergar uma delas como aquela que mais se aproxima do Certo Real, do absoluto. Um conjunto de ideias morais pode ser mais verdadeiro e próximo do que é certo. Isso fica nítido se compararmos um país cristão com a Alemanha Nazista (antes que alguém diga que a Alemanha Nazista era cristã, vá estudar história!). Quando fazemos essa comparação, estaremos medindo ambos os países de acordo com um padrão, dizendo que um está mais em conformidade com uma Moralidade Real, e absoluta, do que o outro. Logo, a moralidade é objetiva, e não subjetiva! Norman Geisler e Frank Turek argumentam acertadamente que os seres humanos não determinam o que é certo e o que é errado, eles descobrem o que é certo e o que é errado. Tal como descobrimos que 2 + 2 é igual a 4.

Objeção 1 - Diferenças culturais

Alguns relativistas dizem que não há verdade absoluta, e por isso, também não há uma Lei Moral absoluta. No entanto, ao examinarmos as diferentes

culturas de diversos povos, podemos encontrar uma similaridade no que concerne à moral. Todos os povos possuem seu código moral sobre certo e errado, nenhum deles acreditava que a moral era relativa, e tais coisas como assassinato de inocentes. O que muda, entretanto, são as maneiras pelas quais cada povo enxerga as situações. Por exemplo, já ouviu-se falar de indígenas que assassinaram seus bebês até o número X de dias, porque até determinado tempo eles acreditavam que o bebê ainda não tinha alma, e assim, assassiná-lo não era problema. Já ouviu-se falar também de indígenas que enterravam vivos bebês que nasciam com determinada deficiência, por acreditarem que estavam amaldiçoados, ou algo do tipo. Para eles não era errado esse assassinato e abandono. A partir daí, relativistas vão dizer que a moralidade é subjetiva. Mas, repare bem que não é essa a questão! A questão é que eles acreditam que aquele bebê não tem alma, e acreditam que aquele outro pode trazer um grande perigo para toda comunidade. Se as suas crenças fossem ajustadas, e pudessem enxergar que o bebê tem alma e que o bebê que nasceu sem perna não é uma maldição, então eles não fariam isso! O problema não é sobre certo ou errado, nesses exemplos acima, e sim no que eles acreditam. Em outros contextos, em que não possuem crenças errôneas, sua lei moral pode se assemelhar a nossa: Tomar o que é do outro é errado. Matar o companheiro é errado. Prejudicar a tribo pensando no bem individual ao invés do coletivo é errado, etc. etc. Ou seja, diferenças culturais não refletem em diferenças efetivas nos valores morais fundamentais. Norman Geisler e Frank Turek argumentam sobre isso quando falam sobre a diferença entre comer carne de vaca na Índia ou nos EUA. Para os hinduístas a carne da vaca é sagrada, por isso comê-la é errado, mas como para os americanos não há nada de sagrado, então pode-se comer livremente. Mais uma vez a diferença não é em relação ao valor moral, mas a crença! O hinduísta acredita que a vaca pode ser a reencarnação de algum parente seu, e por isso não deve comê-lo. O americano também pensaria da mesma forma se tivesse a mesma crença, porque apesar da crença ser diferente, a Lei Moral é a mesma.

Objeção 2 - Os dilemas morais

Algumas tentativas de dizer que a moral é relativa são os famosos *Dilemas Morais*. Um conhecido é o de cinco tripulantes que naufragaram e estão em um bote salva-vidas projetado para suportar apenas quatro pessoas. Para sobreviverem, inevitavelmente um dos sobreviventes deveria ser lançado ao mar para morrer. Este seria um dilema, pois condenar um homem a morte o lançando no mar não seria uma atitude errada, mas devido às circunstâncias, seria uma atitude certa. Logo, argumenta-se que certo ou errado (nesse caso, matar) dependem das circunstâncias. Mas, não é bem assim! Devemos analisar o que está por trás da Lei Moral que diz que matar é errado. A Lei Moral que diz que matar é errado valoriza e reconhece o valor da vida humana! E, ao admitirmos que lançar um dos homens ao mar é o certo, não estamos contrariando a Lei Moral que diz que matar é errado, pelo contrário, estamos reconhecendo essa Lei, pois no final das contas, o que queremos é salvar o maior número de vida possível - às outras quatro pessoas. Por que sacrificamos uma para salvar quatro? Porque reconhecemos o valor da vida humana. Dessa forma, não estaríamos agindo contra a Lei Moral, mas ao favor dela. Até porque, estamos querendo salva as cinco vidas que estão no bote!

Na verdade, esse tal dilema mostra como a moralidade é objetiva! Damos tanto valor à vida humana que ficamos presos em um… *dilema!* Se a moralidade fosse subjetivar, diz Norman Geisler, então não haveria um *dilema!* No fundo, os dilemas morais mostram que a moralidade não é subjetiva. A única coisa que os dilemas morais mostram é que podem haver circunstâncias difíceis, e quase todas elas giram em torno da pergunta: O que é mais certo de se fazer?

Objeção 4 - Não existe verdade absoluta!

Vivemos em um mundo relativista que diz não haver verdades absolutas. No entanto, a própria afirmação de que não existem verdades absolutas é uma afirmação auto-excludente, na medida em que se propõe a ser uma afirmação absoluta! Digamos que um professor entre em sala de aula e diga: "Não existem verdades absolutas!" Um aluno poderia indagar: "Mas, isso que você está falando é uma verdade absoluta, professor?" Ou seja, é verdade que não existem

verdades? Toda afirmação que diz que a verdade é relativa, se propõe ser uma verdade absoluta.

Uma história ilustrativa que os relativistas contam é a dos cegos que vão conhecer um elefante! Cada uma toca em uma parte do elefante, e consequentemente vão formar crenças diferentes sobre como o elefante era. Um, que havia pegado na tromba do elefante, dizia que era como uma cobra. O que tocou na lateral do elefante dizia que parecia com uma parede, o que tocou em suas orelhas disse que era algo fino e longo, etc. O resumo da história é que não existe verdade objetiva, cada um está tocando em uma parte da verdade. Entretanto, Jonas Madureira em "Inteligência humilhada" faz a simples (mas importantíssima) observação: A história está sendo contada pelo ponto de vista de quem não é cego, de quem vê o elefante como um todo. Assim, se alguém disser que todas as religiões são verdadeiras, ou que todas as crenças tocam em certa parte da verdade, pressupõe-se que essa pessoa conheça a verdade como um todo, assim como o narrador via o elefante como um todo. Aliás, a história parece favorecer mais a visão de que há uma verdade absoluta do que uma verdade relativa, afinal de contas, há um elefante! Ou seja, já se pressupõe que haja uma verdade absoluta, completa.

SUPRIMINDO A VERDADE PELA INJUSTIÇA

Em seu livro "Por que você acredita?", K. Scott Oliphint relembra a visão de João Calvino sobre o "senso de divindade". Essa era a ideia de que todo ser humano carrega dentro de si uma "noção divina da realidade". Isso se comprova pelo fato de que em diversas épocas distintas e em diversos povos distintos sempre acreditou-se na existência de figuras divinas. Não se tem

notícias de povos ou civilizações que não possuíam alguma crença religiosa. Isso se deve ao "senso de divindade" que já nasce com todo ser humano.

> "Nós temos um instinto natural que Deus implantou em nós, o qual incluiu um conhecimento de Deus e uma compreensão de sua majestade." (OLIPHINT, 2018, p. 41).

Isto faz parte da "revelação natural" de Deus, que está expressa tanto em nosso interior quanto em nosso exterior, através das coisas criadas. Porém, o que o homem faz é reprimir essas evidências dadas pelo Criador. É o que Paulo diz em Romanos:

> "Portanto, a ira de Deus é revelada dos céus contra toda impiedade e injustiça dos homens que suprimem a verdade pela injustiça, pois o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e a sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas, de forma que tais homens são indesculpáveis." (Romanos 1:18-20)

Observa-se que os homens "suprimem a verdade pela injustiça", ou seja, por mais que o próprio Deus já tenha lhes dado o senso de sua própria existência pelas coisas que Ele manifestou, o homem decide suprimir essa verdade em seu coração. Thomas Nagel foi sincero sobre seu ateísmo ao demonstrar que estava buscando suprimir a verdade da existência de Deus não porque evidências o levavam a isso, mas sim porque ele não queria que existisse um Deus.

> "Quero que o ateísmo seja verdade e não me sinto à vontade com o fato de que muitas pessoas mais inteligentes e bem informadas que conheço têm credos religiosos. Não se trata apenas de eu não acreditar em Deus e, naturalmente, esperar que esteja correto em minha convicção. É que eu espero que não exista um Deus! Eu não quero que exista um Deus; não quero que o universo seja assim." (NAGEL, Thomas. The Last Word, 2001, p.130-31)

Do mesmo modo, K. Scott Oliphint argumenta que o filósofo francês Jean-Paul Sartre dizia que não queria acreditar em Deus pois isso o tornaria livre, ele não teria que prestar contas a ninguém. Do mesmo modo, o ex-ateu Lee Strobel disse que uma das suas motivações para não acreditar em Deus era de que

poderia viver sem restrições morais. Há muitos outros exemplos nesse sentido. O que existe, portanto, é uma predisposição para negar a Deus para viver uma vida desregrada. Mas, obviamente isso não se aplica a todos os casos, porque há ateus que obedecem a lei moral, mesmo não reconhecendo ela devidamente. Há também casos onde há uma predisposição emocional para negar a fé em Deus, em casos de pessoas que se decepcionaram profundamente com a religião, ou que sofreram algum tipo de abuso. Isso pode ter a ver com o caso de Richard Dawkins que sofreu assédio de um padre quando era criança. William Craig argumenta que há casos em que pessoas negam a Deus pela questão emocional, por terem sofrido muito e acreditarem que Deus permitiu tal sofrimento. Isso nos faz lembrar a épica cena do filme "Deus não está morto", onde o professor declara que não crê em Deus porque ele lhe tirou tudo que tinha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frequentemente tem se dito (e com razão) que *Deus não existe* , mas que *Ele é*. Existir é tudo aquilo que *veio à existência* (após o Big Bang). Mas aprendemos neste módulo que Deus é atemporal, imaterial, e não está preso ao espaço. Ele está além da nossa dimensão e também da nossa capacidade cognitiva de compreendê-lo em sua inteireza. E, apesar de todas as pistas que apontam para Ele, muitos homens, pela rebeldia, continuam a negá-lo. Todavia, Ele se faz conhecido a todos àqueles que o buscam e o invocam (Jr. 29:13). Não precisamos de todas as pistas científicas (por mais que elas existam) para saber que Deus é, podemos provar isso em nosso coração, em relacionamento íntimo e profundo com Ele.

III. CONSTRUINDO CONVICÇÕES, DISSIPANDO AS DÚVIDAS

ARGUMENTOS PARA EXISTÊNCIA DE DEUS

1. Argumento cosmológico

O argumento cosmológico nos leva a olhar para o "cosmo" ou "universo", para compreendermos como ele aponta para a necessidade de um Criador. Ao

lidarmos com o argumento cosmológico, somos amparados pela ***lei da causalidade***. A ***lei da causalidade*** é um princípio básico que diz que tudo que veio a existir precisa de uma causa, incluindo o universo. Esse é o princípio básico da ciência. Segundo Norman Geisler, negar a lei da causalidade é negar a própria racionalidade.

No entanto, a ***lei da causalidade*** sai de cena se um ateu acreditar que o universo é eterno, não tendo a necessidade de ter sido criado por nada. Como assim? Da mesma forma que cristãos dizem que Deus é eterno, ateus podem dizer que o universo é eterno! E é exatamente isso que muitos faziam, acreditavam na teoria do *"estado estático"*, que pregava que o universo não necessita de um criador, pois sempre existiu, sendo auto-suficiente. Entretanto, a ciência tem comprovado com provas irrefutáveis de que o universo passou a existir em algum momento, ou seja, ele não é eterno. E este é o nosso ponto de partida para mostrar que o universo necessita da existência de um Criador.

1.1 O universo teve um início

Precisamos começar nossa linha de argumentação mostrando como a ciência prova que o universo teve um início, e portanto, uma causa. A primeira demonstração vem da ***segunda lei da termodinâmica***. Talvez você esteja pensando: "mas o que raios é a segunda lei da termodinâmica?". A termodinâmica é a ciência que estuda a matéria e a energia, e a sua segunda lei afirma que o universo está ficando sem energia utilizável (GEISLER, 2006). Se a primeira lei da termodinâmica diz que existe apenas uma quantidade finita de energia e a segunda lei diz que essa energia está acabando, somos levados a acreditar que o universo não é eterno, até porque, se fosse eterno, essa energia já teria acabado. Está confuso? Calma, não desista da leitura, estamos apenas na primeira página e vamos simplificar com um exemplo do Norman Geisler:

> "Se o seu carro tem uma quantidade finita de combustível (a primeira lei) e ele está consumindo combustível durante todo o tempo em que ele está em movimento (a segunda lei), seu carro estaria andando agora se você tivesse ligado a ignição há um tempo

infinitamente distante? Não, é claro que não.” (GEISLER, 2006, p. 76)

1.2 Universo em expansão

As demonstrações de que o universo teve um início, e portanto uma causa , não param na segunda lei da termodinâmica . A ciência já comprovou também, por exemplo, que o universo está em expansão. Edwin Hubble, considerado o maior astrônomo do século XX, demonstrou que o universo está em constante expansão. Ora, se o universo expande continuamente, concordamos pela lógica que ele partiu de um determinado ponto, para então ir expandindo cada vez mais. A teoria de Hubble ajudou a inspirar a teoria do big bang , que é muito bem fundamentada cientificamente! Por fim, a teoria de Einstein, que é a teoria da relatividade, também aponta para o fato de que o universo teve um início.

1.3 Big bang!

Os argumentos apresentados acima apontam para o Big Bang! Mas o Big Bang não confronta a ideia da existência de Deus? Não! Pelo contrário, ela mostra que o universo teve um início, e que portanto, deve ter tido uma causa! Até mesmo o astrônomo agnóstico chamado Robert Jastrow diz que “a evidência astronômica leva a uma visão bíblica da origem do mundo”. Se o big bang existiu, e a partir dele surgiram tempo, espaço e matéria, somos levados a concluir que a causa do Big Bang foi imaterial, atemporal e além do espaço. O que os ateus fazem diante da verdade científica de que o universo teve um início? Eles tentam camuflar a lei da causalidade e dizer que ela não se aplica ao universo! O universo veio do nada - de coisa alguma . Mas, sempre que eles tentam explicar, soa como algo constrangedor! Veja por exemplo o ateu Atkins e Asimov, eles falam que no início haviam “pontos matemáticos” e “energia positiva e negativa”. A questão é: Isso é pura imaginação e hipótese, e até certo ponto, cômico. Para os ateus que confiam na ciência, todo efeito precisa de uma causa, mas nunca pode-se admitir uma causa primeira! O universo não foi causado por nada! É uma contradição achar que tudo tem uma causa, mas não aceitar a necessidade da existência de uma Causa Primeira! - Eles negam a existência de uma Causa Primeira justamente

porque se admitirem que existe essa causa, estarão admitindo a existência do sobrenatural, algo que necessariamente é imaterial, atemporal e além do espaço. Desse modo, fica muito fácil perceber quão incoerente é a pergunta "Quem criou Deus?". Ele está fora do tempo, da matéria e do espaço, ele foi a causa primeira, é criador e não criatura.

> "A primeira premissa não diz que tudo tem uma causa. Antes, ela diz que tudo que veio a existir tem uma causa. Algo que seja eterno não precisa de uma causa, uma vez que nunca veio a existir, pois sempre existiu." (CRAIG, William. 2011, p. 84)

O Astrônomo Fred Hoyle diz que "a teoria do big bang requer a criação do Universo a partir do nada". Quando olhamos para a Bíblia encontramos margem para isso, pois vemos que Deus criou tudo a partir do nada. Em Gênesis 1:1, quando diz que Deus criou os céus e a terra, o verbo no original é "barah" ou "ex-nihilo", que significa exatamente "criar a partir do nada". Não é verdade que o universo veio do nada, mas é verdade que ele foi *criado a partir do nada* , como mostra Gênesis 1:1.

1.4 Radiação do Big Bang

Por mais incrível que pareça, é verdade que dois cientistas chamados Arno Penzias e Robert Wilson, descobriram por acidente a radiação que ocasionou o *Big Bang*. Tecnicamente, é conhecida como a "radiação cósmica de fundo". Trata-se do calor e da luz emanados pelaexplosão inicial. Essa descoberta ajudou ainda mais a lançar por terra a teoria do "estado estático". Além disso tudo, a própria teoria da relatividade de Einstein corrobora para a visão de que o universo teve um ínicio.

E se o Big Bang não aconteceu?

Marcos Eberlin é um brasileiro, cientista, químico e defensor do design inteligente. Ele relata que passou 40 anos acreditando no *Big Bang* , e que Deus o teria ocasionado. Porém, contestando as evidências do *Big Bang* (inclusive as que colocamos acima), ele acredita que o universo foi "feito pronto". Deus disse "haja

universo" e o universo já apareceu tal como ele é. Marcos Eberlin usa as novas descobertas do James Webb para defender que o Big Bang não existiu, uma vez que as suas fotos não indicam que o Universo está em expansão. Porém, isso ainda é objeto de debate entre os acadêmicos.

Todavia, de toda forma, isso não rompe com a nossa premissa básica de que:

1. O universo teve um início
2. E se teve início, teve uma causa.

A diferença básica é de acreditar que o universo foi "feito pronto" (expressão de Marcos Eberlin). Uma linha explica que o *Big Bang* foi ocasionado por Deus, e a outra linha explica que Deus simplesmente fez sem nenhuma explosão inicial ter sido envolvida. A única problemática, talvez, de não acreditar no *Big Bang* seja a de abrir brecha novamente para os que acreditam no "estado estático", lembram? Mas, Norman Geisler e Frank Turek, embora acreditem no *Big Bang*, também deixaram em aberto, dizendo que, se porventura, alguma descoberta científica futura vir a refutar o *Big Bang* (o que para alguns aconteceu no recente James Webb), continuaríamos sabendo que ele teve início em algum momento, simplesmente pela lógica, o argumento cosmológico *kalam* :

1. Um número infinito de dias não tem fim
2. Mas hoje é o dia final da história
3. Portanto, não houve um número infinito de dias antes de hoje.

Basicamente, isso quer dizer que "se houvesse um número infinito de dias antes de hoje, então hoje nunca teria chegado." Portanto, para finalizar esse ponto e passarmos para o argumento moral:

> "O que estamos dizendo é que o Universo teve um início, quer tenha existido um Big Bang quer não, ou seja, o argumento cosmológico é verdadeiro porque ambas as premissas são verdadeiras: tudo o que passa a existir tem uma causa, e o Universo veio a existir. Portanto, o Universo teve um início, e ele deve ter tido um Iniciador." (GEISLER, Não tenho fé suficiente para ser ateu, 2006, p. 159)

2. Argumento teleológico ou "Design Inteligente"

O argumento do "Design Inteligente" é muito conhecido, e talvez o mais forte para demonstrar a necessidade de um Criador. Nele observamos que o universo é completamente adaptado para permitir a existência da vida na terra. Se o universo veio de uma explosão, como a ciência mostra, essa explosão foi precisa, milimetricamente calculada, para criar um universo tão vasto e complexo, em que tudo se mantém em ordem e harmonia. Pense bem - Por que raios, motivos, razão ou circunstância, uma explosão iria criar um universo que abraça completamente a vida na Terra? O sistema solar, as estrelas, o planeta terra, são infinitas variantes que foram entrelaçadas para que o universo tivesse a forma como tem hoje, permitindo a nossa existência. Por que isso tudo foi formado ao invés de nada? Ou ainda, por que tudo isso foi formado ao invés de apenas elementos químicos aleatórios e sem vida? A partir do momento em que houve a grande explosão, o que poderia vir a partir daí? As possibilidades são infinitas. Mas, o que veio do *Big Bang*, o mundo e o universo tal como conhecemos hoje, nos faz supor, pela lógica, (e não necessariamente pela fé) que há um projetista, há uma Mente Superior, que ordenou cada coisa cuidadosamente.

2.1 Constantes Antrópicas

É esse o nome que usamos para nos referir à alta precisão do universo, os "ajustes finos" para manter a vida humana possível. Existem várias constantes antrópicas e vamos citar apenas algumas delas:

1. O nível de oxigênio na terra corresponde a 21%. Mas, se fosse 25% poderia haver incêndios espontâneos, se fosse 15%, morreríamos sufocados.
2. O grau de transparência da atmosfera é exato, pois se fosse mais transparente seríamos bombardeados com radiação solar, e se fosse menos não haveria radiação solar suficiente para superfície da terra.
3. O nível de dióxido de carbono é exato, se fosse maior, desenvolveríamos um enorme efeito estufa, se fosse menor, seríamos sufocados.

4. Se a força gravitacional fosse alterada 0,00000000000000000000000000000000000001%, nosso sol não existiria, e nós também não. Aliás, a distância do sol e da lua também são constantes antrópicas.
5. Se Júpiter não estivesse em sua rota atual, a Terra seria bombardeada com material espacial. Júpiter age como um aspirador cósmico, protegendo a Terra.
6. Se o universo tivesse se expandido em uma taxa de um milionésimo mais lento do que foi, então a expansão teria parado, e o universo teria desabado sobre si mesmo.
7. A inclinação do eixo da terra é 23º, se a inclinação alterasse levemente a temperatura da superfície da terra seria muito extrema.

Esses são apenas 7 exemplos tirados do livro "Não tenho fé suficiente para ser ateu", mas podemos enxergar muito mais por aí! Agora, a grande questão é: Como os ateus respondem a esses argumentos tão convincentes de que o universo foi projetado e milimetricamente calculado?

Qual é a resposta dos ateus?

Talvez você pense: Deve haver algum embasamento científico, alguma grande descoberta, que ampare uma visão contrária a isso, afinal de contas, os ateus se gabam pelo seu academicismo e sua racionalidade. Mas, é aí que nos enganamos! Richard Dawkins, um dos representantes do Novo Ateísmo, sustenta a teoria do universo múltiplo. Que teoria é essa? É uma especulação de que podem existir um número infinito de universos e nós tivemos a sorte de estar em um onde tudo deu certo. Sim, acredite se quiser, essa é a melhor resposta dos ateus ao Design Inteligente. Você pode ver outro ateu, Peter Atkins, fazendo coro a Richard Dawkins, e levantando teorias igualmente especulativas e sem NENHUM embasamento científico! (Aliás, Atkins e Dawkins debateram sobre a existência de Deus com o grande apologista cristão William Lane Craig, e tomaram uma surra!).

Como se já não bastasse a teoria absurda de universo múltiplo, alguns ainda tem a audácia de dizer que não existe tal coisa como Design Inteligente, porque

há algumas coisas no universo que estão em desordem, como estrelas explodindo… Ao ouvir tudo isso, temos que fazer coro ao livro que estamos tendo como base, e dizer: "Não temos fé suficiente para sermos ateus!".

Refutando a teoria da evolução

Se tudo que existe veio do acaso, logo, a vida também surgiu *do nada.* A teoria da evolução segue a linha de que a primeira vida surgiu *do nada.* Isso é extremamente difícil de se explicar levando em consideração a complexidade da vida. Ao se afirmar que a primeira vida veio *do nada,* afirma-se que vida veio da não-vida, que inteligência proveio da não-inteligência, que a ordem proveio da não-ordem.

Norman Geisler e Frank Turek falam a respeito da complexidade da vida apontando para o DNA, que é a química que codifica instruções para a construção e a replicação de todas as coisas vivas. Eles argumentam que até mesmo a "ameba inicial" - o primeiro organismo vivo que existiu, tem tanta informação em seu DNA que ultrapassa (e muito) 30 volumes da Enciclopédia Britânica. A "geração espontânea" nunca foi observada cientificamente, portanto, não passa de uma teoria. O físico e cientista Hubert Yockey afirmou que a crença de que a vida surgiu de forma espontânea é uma questão de fé. Desse modo, Norm e Frank concluem:

> "Na verdade, são os darwinistas que estão permitindo que a sua fé controle a observação e a razão. Os criacionistas e os defensores do projeto inteligente estão apenas fazendo uma inferência racional das evidências. Eles estão seguindo a evidência exatamente na direção para onde ela leva: de volta a uma causa inteligente."

O evolucionismo se refuta com as mesmas premissas do argumento do "Design Inteligente", a vida é muito complexa, sendo necessário a ação de uma Mente Superior por detrás para fazê-la acontecer. Os próprios cientistas tentam reproduzir a vida em laboratórios, e já conseguiram criar vida artificial, isso é

interessante, porque apenas reforça o argumento de que foi necessário um trabalho da mente humana (um projeto) para elaboração da vida.

Então, podemos afirmar sem medo de errar que tal coisa como "vida passar a existir espontaneamente" não tem embasamento científico e nunca foi observado cientificamente. Quando os darwinistas e evolucionistas dizem que a primeira vida veio do nada, eles estão dando um salto de fé no escuro.

Microevolução sim, macroevolução não!

Talvez você esteja se perguntando: "Ué, como assim, achei que havia pelo menos algum embasamento científico para evolução das espécies, já vi em algum lugar que existe e que tem comprovações!". Vamos lá, precisamos fazer uma distinção entre microevolução e macroevolução. A macroevolução é a ideia de que todas as vidas descendem de um ancestral comum, que evoluiu e evoluiu ao longo de milhões de anos até ir se adaptando e chegar ao ser humano que somos hoje. Para isso não há evidências! O que se sabe é a respeito da *microevolução!* A microevolução já foi observada, mas ela difere e muito da macroevolução. Porque a microevolução trata-se de diferenças e adaptações dentro de uma mesma espécie. Por exemplo, os tentilhões, tiveram uma evolução em seu bico, que foi ganhando outra forma. Assim como essa espécie, tiveram outras que também apresentaram evoluções, ou adaptações. Mas, em nenhum caso se observou um tentilhão se tornar uma outra espécie (macroevolução). Então, o que o darwinismo faz é usar essa pequena (e muito pequena) amostra de adaptação pelo qual uma espécie teve de passar por causa das circunstâncias, para então inferir, supor, imaginar, que no decorrer de bilhões e bilhões de anos, esse tentilhão se tornaria uma outra espécie mais evoluída, e assim por diante até chegar a nós. Em outras palavras, "eles usam a evidência do micro para provar a macro".

Alguns darwinistas também se referem ao fato de que nosso DNA é parecido com nossos supostos ancestrais. Por exemplo, há uma similaridade alta do DNA humano e do macaco, que varia de 85% a 95%. Mas, isso também não prova absolutamente nada. Pois "similaridade e progressão não implicam automaticamente a existência de uma ascendência comum."

> "(...) embora os macacos possam ter uma estrutura similar à dos humanos, é frequentemente desprezado o fato de que macacos e humanos não têm nenhum tipo de semelhança com cobras, fungos e árvores. Contudo, de acordo com o darwinismo, todos os seres vivos evoluíram com base em um mesmo ancestral. Para postular o darwinismo é preciso ser capaz de explicar a enorme *dessemelhança* entre os seres vivos. Deve-se explicar de que maneira uma palmeira, um pavão, um polvo, um lagarto, um morcego, um hipopótamo, um porco-espinho, um cavalo-marinho, uma libélula, um ser humano e um fungo, por exemplo, são todos descendentes da primeira vida irredutivelmente complexa sem intervenção inteligente alguma. É também preciso explicar de que maneira a primeira vida e o Universo passaram a existir. Sem explicações viáveis, o que os darwinistas falharam em apresentar, é preciso de muita fé para ser darwinista." (GEISLER, Não tenho fé suficiente para ser ateu, 2006, p. 159)

A BÍBLIA É INFALÍVEL?

A infalibilidade da Bíblia Sagrada

A doutrina da infalibilidade da Bíblia diz que como a Palavra de Deus, que é fonte de autoridade, a Bíblia não contém erros ou falhas, ou seja, ela é inerrante e infalível. Norman Geisler chega à seguinte conclusão ao pensar sobre o assunto:

1. Deus não pode errar
2. A Bíblia é a Palavra de Deus
3. Portanto, a Bíblia não pode errar

Observamos que a Bíblia é a Palavra de Deus na medida em que Jesus reconheceu a autoridade divina do Antigo Testamento e prometeu a Igreja o Novo Testamento. Jesus demonstrou que o Antigo Testamento era infalível e como consequência devemos presumir que o Novo Testamento, que é do mesmo Autor, também seja.

No entanto, nós vimos que muitas cópias podem conter erros produzidos por copistas. Isso não nos levaria a dizer que na verdade há erros na Bíblia? Devemos esclarecer um ponto muito importante para esclarecermos esse questionamento: A doutrina da infalibilidade da Bíblia repousa apenas sobre os autógrafos e não sobre as cópias. Isto é, a inerrância restringe-se somente aos originais, uma vez que os copistas não foram inspirados por Deus e eram sujeitos a falhas. Por isso, quando encontramos alguns textos contraditórios, isso se deve a erros de copistas. Por exemplo:

- Há discrepâncias numéricas nos livros históricos: 2 Samuel 10:18 e 1 Crônicas 19:18 / 1 Reis 4:26 e 2 Crônicas 9:25

Quando se deparava com passagens dessa natureza, Agostinho declarava: "Se ficamos perplexos diante de qualquer aparente contradição nas Escrituras, não é permitido dizer 'o autor deste livro está errado'; mas sim o manuscrito pode ser falho, a tradução pode estar errada ou nós não entendemos". É por este motivo que a doutrina bíblica da inerrância repousa sobre os originais. Mas, diante disso, poderíamos nos perguntar que, já que não temos os originais, mas apenas as cópias, o que temos em mãos hoje é desprovido de autoridade divina? Em seu artigo "A inerrância dos autógrafos", Greg L. Bahnsen mostra de maneira brilhante que não: As cópias são fonte de autoridade divina na medida em que reproduzem o autógrafo inspirado por Deus.

O que é mais interessante é que temos exemplos dentro da própria Bíblia sobre como devemos nos portar diante das cópias. Por exemplo, o que o Rei Salomão possuía, muito provavelmente era uma cópia da Lei Mosaica. A Lei de Esdras também era uma cópia do original. O mesmo se aplica ao profeta Daniel e até mesmo a Jesus Cristo. No tempo de Jesus, obviamente, os autógrafos não estavam preservados, e a Bíblia Hebraica (Tanak) sobrevivera pelas cópias. Mas observe que em nenhum desses casos a cópia furtou a autoridade divina do texto inspirado por Deus. Jesus lia os manuscritos dos originais e indicava que eles mantinham a autoridade divina, porque recomendava a sua leitura e os lia. Greg L. Bahnsen diz:

> "[...] o texto secundário faz o trabalho da Palavra escrita de Deus ao mesmo tempo em que compartilha de sua

> autoridade original em um sentido prático. [...] Quando os autores do NT apelam para autoridade do AT, utilizam os textos e versões que tinham à mão, assim como nós hoje." (A inerrância da Bíblia, 2003, p. 195)

É importante salientar que imprecisões numéricas ou erros de tradução, se levarmos em consideração o conteúdo da Bíblia como um todo, somam-se pouquíssimas passagens que apresentam problemas. Norman Geisler diz que não há problemas irreconciliáveis e isso é maravilhoso se levarmos em consideração que a Bíblia é um livro escrito por 40 autores diferentes em um espaço de 1.500 anos. Geisler acrescenta que mesmo que as Escrituras tivessem um ou dois detalhes falsos a verdade histórica do cristianismo não seria diminuída, tão pouco sua teologia e mensagem seriam descartadas.

Como o conteúdo é preservado em sua integridade, podemos ter certeza que as cópias que temos em mãos refletem a Palavra de Deus, e por isso, podemos e devemos chamá-las de Palavra de Deus. Tal como Jesus e os discípulos de seus tempos faziam com os manuscritos que tinham em mãos. Portanto,

> "Deus pode atuar por meio de nossas cópias imperfeitas e manifestar a nós fé salvadora, mas isso não diminui a diferença qualitativa entre um original perfeito e sua cópia imperfeita - assim como um mapa imperfeito pode nos guiar até nosso destino, embora falte a ele um detalhamento que só um mapa mais preciso pode apresentar." (A inerrância da Bíblia, 2003, p. 218)

Supostos erros

Muitos críticos desejam enxergar erros onde não tem, justamente na tentativa de minar a autoridade bíblica. Se por um lado temos erros de copistas, por outro lado, a Bíblia apresenta aparentes contradições que não constituem um erro. Um exemplo muito simples é sobre o censo que Davi realizou em Israel. 1 Crônicas 21:11 diz que Satanás incitou Davi a realizar o censo, enquanto que em 2 Samuel 24:1 diz que Deus levou Davi a realizar o censo. Parece que estamos diante de uma contradição (o que é diferente de estarmos evidentemente diante

de um erro numérico), mas na realidade, estamos diante de uma antinomia. Antinomia são duas normas conflitantes, mas válidas. Queremos dizer que as duas passagens estão corretas. Gleason L. Archer explica que encontramos passagens na Bíblia que possuem a mesma ênfase, pois podemos presenciar a *vontade permissiva* de Deus em punir o seu povo, sendo paralelo a isso uma ação do próprio inimigo. Por exemplo, em Romanos 1:24 e 25 vemos que Deus entregou pecadores que resistem às suas próprias paixões infames. Ao mesmo tempo, sabemos que é desejo do diabo levar as pessoas ao pecado. Desse modo, não seria uma contradição se em outra passagem Paulo dissesse que o diabo leva esses mesmos homens a pecar.

Outro exemplo é que não há erros na Bíblia quando o homem diz que o sol parou, pois foi narrado de acordo com a perspectiva humana. Deve-se levar em consideração quando o texto é narrativo e contado de uma perspectiva humana e de quando é uma fala direta do próprio Criador. Nesse caso, muitos atribuem erros à Bíblia por não levarem em consideração o seu contexto. Outros que se basearam em argumentos históricos e arqueólogos acabaram sendo refutados com o passar do tempo. Por exemplo, houve época em que acreditava-se que a Bíblia estava errada ao falar da existência de um povo chamado Heteus, pois não havia provas de sua existência fora da Bíblia. Na medida que as pesquisas avançavam, foram descobertas evidências em uma biblioteca na Turquia, que provaram que a existência desse povo. Do mesmo modo, muitos críticos achavam que a escrita ainda não havia sido inventada no tempo de Moisés, e que por isso ele não teria escrito o Antigo Testamento, até que certas tábuas foram encontradas na Síria que datavam de um período anterior ao de Moisés comprovaram que a escrita já existia. Ou seja, à medida que as pesquisas avançam a Bíblia continua sendo confirmada.

O erro dos liberais

Por assumirem uma visão racionalista e materialista, os liberais não acreditam na mensagem da Bíblia Sagrada como infalível e inerrante. Eles acreditam que os milagres não foram reais e as manifestações sobrenaturais são formas alegóricas de explicar algo que é puramente racional e que serve para a

vida prática. Por isso, os liberais também enxergam erros onde não tem. Observe, porém, como era a postura de Jesus e dos apóstolos em relação aos milagres do Antigo Testamento: Eles não colocavam dúvida, mas confirmavam. Corroborando que o A.T é fonte de autoridade divina.

Evento do Antigo Testamento	Confirmação no Novo Testamento
1. Criação do Universo (Gn 1)	Jo 1.3; Cl1.16
2. Criação de Adão e Eva (Gn 1,2)	lTm 2.13,14
3. Casamento de Adão e Eva (Gn 1,2)	Mt 19.4,5
4. Tentação da mulher (Gn 3)	lTm 2.14
5. Desobediência e pecado de Adão	Rm 5.12; lCo 15.22
6. Sacrifícios de Abel e Caim (Gn 4)	Hb 11.4
7. Abel é assassinado por Caim (Gn 4)	lJ03.12
8. Nascimento de Sete (Gn 4)	Lc 3.38
9. Trasladação de Enoque (Gn 5)	Hb 11.5
10. Casamento antes do Dilúvio (Gn 6)	Lc 17.27
11. O Dilúvio e a destruição do	Mt 24.39
12. Preservação de Noé e sua família	2Pe 2.5
13. Genealogia de Sem (Gn 10)	Lc 3.35,36
14. Nascimento de Abraão (Gn 11)	Lc 3.34
15. Chamado de Abraão (Gn 12,13)	Hb 11.8
16. Dízimo entregue a Melquisedeque	Hb 7.1-3
17. Justificação de Abraão (Gn 15)	Rm4.3
18. Ismael (Gn 16)	Gl4.21-24
19. Promessa de Isaque (Gn 17)	Hb 11.18
20. Ló e Sodoma (Gn 18,19)	Lc 17.29
21. Nascimento de Isaque (Gn 21)	At7.8
22. Oferta de Isaque (Gn 22)	Hb 11.17
23. A sarça ardente (Êx 3.6)	Lc 20.37
24. Êxodo pelo mar Vermelho (Êx	lCo 10.1,2
25. Provisão de água e maná (Êx 16.4;	lCo 10.3-5
26. Levantamento da serpente no	Jo 3.14
27. Queda de Jericó as 6.22-25)	Hb 11.30
28. Milagres de Elias (lRs 17.1; 18.1)	Tg 5.17
29. Jonas e o grande peixe (Jn 2)	Mt 12.40
30. Três jovens hebreus na fornalha	Hb 11.34
31. Daniel na cova dos leões (Dn 6)	Hb 11.33
32. Morte de Zacarias (2Cr 24.20-22)	Mt 23.35

A Bíblia é infalível

Chegamos à conclusão de que a Bíblia é inerrante e infalível. Isto quer dizer que não haja cópias contendo erros de tradução ou erros de ordem numéricas? Não. Pois a Bíblia é inerrante em seu propósito de guiar o homem a salvação. Ela é infalível para transmitir a vontade de Deus ao homem e anunciar a salvação. Portanto, como afirmamos acima, por termos em mãos hoje cópias que preservam o ensino, a doutrina, e a mensagem de Deus, podemos e devemos dizer que temos a Palavra de Deus em mãos.

Na contramão do que diz o mundo a Bíblia se cumpre, prova o seu valor, e atravessa anos, décadas, séculos, e eras, mas permanece sendo a mesma, e suficiente para mostrar ao homem o caminho que leva ao Deus verdadeiro. No decorrer dos anos a ciência mudou, os costumes humanos mudaram, a forma de pensar e de ver a vida pelos homens mudou, as filosofias de tempos atrás não são mais as mesmas de hoje, os hobbies, a cultura, tudo muda. Porém, se a Palavra de Deus permaneceu no meio de tantas mudanças, isso se deve a promessa do seu próprio autor: "Os céus e as terras passarão, mas as minhas palavras jamais passarão". (Mt 24:35).

A Bíblia é confiável?

Segundo a Sociedade Bíblica Brasileira, a Bíblia Sagrada é o livro mais vendido do mundo. Sabemos que é a base de fé e prática da Igreja Cristã, e por isso é de suma importância estudarmos seu conteúdo e sua formação, justamente para autenticarmos a sua confiabilidade, inerrância e coerência.

A Bíblia não é um livro, mas um conjunto de livros que formam um só. A palavra "Bíblia" quer dizer "coleção de pequenos livros." Esses livros foram escritos em épocas diferentes e por autores diferentes, mas formam um conjunto harmônico que, segundo a teologia cristã, não se contradiz.

Muitos argumentam que a Bíblia foi adulterada ao longo dos séculos e que pode ter havido erros no processo de escolha dos livros. Argumenta-se que é um livro escrito por homens, e por isso é falho. Argumenta-se ainda que pode ser apenas uma fábula, como um grande conto de fadas. Será que isso é verdade? Podemos analisar a Bíblia friamente e ainda assim, acreditar que ela é a Palavra de Deus?

O ANTIGO TESTAMENTO

Nesta Unidade não concentraremos tantos esforços para explicarmos a formação e confiabilidade do Antigo Testamento pela seguinte questão: Uma vez que comprovamos a confiabilidade do Novo Testamento, automaticamente validamos o Antigo Testamento. Quando Jesus veio ao mundo, o cânon do Antigo

Testamento já estava formado. Ou seja, os livros que os judeus reconheciam como Palavra de Deus já eram lidos nas sinagogas aos sábados, e Jesus e seus discípulos reconheceram que esse conjunto de livros chamado de *Tanak* (Bíblia Hebraica) como Escrituras inspiradas por Deus.

Jesus reconhece o Antigo Testamento

Em Mateus 5:17 E 18 Jesus disse que não veio abolir a Lei de Moisés, mas cumpri-la. Diz também que enquanto céu e terra existir, nem a menor letra (um til ou um i) da Lei deixará de se cumprir. Logo, Jesus reconhece as Leis de Moisés registradas no Antigo Testamento, mais precisamente no Pentateuco (Os cinco primeiros livros da Bíblia). No entanto, nessa mesma passagem Jesus também cita os escritos dos profetas: "Não pensem que eu vim abolir a lei de Moisés ***ou os escritos dos profetas***..." (Mt. 5:17, NVT). Na sinagoga Jesus lia as Escrituras, conforme Lucas registra em Lucas 4:16-20, e nesta ocasião especial, lhe foi entregue um rolo do profeta Isaías, Jesus leu a passagem de Isaías 61 e disse que aquela profecia se cumpria nEle.

Em outras passagens podemos ver Jesus fazendo alusão ao livro do profeta Jonas, em Mateus 12:39, podemos ver ele citando 3 passagens diferentes do livro de Deuteronômio para Satanás no deserto, quando é tentado. Respectivamente, Deuteronômio 8:3, Deuteronômio 6:16 (Que faz alusão a Êxodo 17) e Deuteronômio 6:13. O fato de Jesus ter citado essas 3 passagens para Satanás no deserto demonstra que Ele as conhecia de memória (porque obviamente não havia um rolo do Antigo Testamento no deserto). Ou seja, ele estudava e examinava as Escrituras. Ele mesmo disse aos religiosos que eles examinavam as Escrituras porque acreditavam encontrar nela vida eterna, e finaliza dizendo que as Escrituras apontam em sua direção, observe: "Vocês estudam minuciosamente as Escrituras porque creem que elas lhes dão vida eterna. Mas as Escrituras apontam para mim!" (Jo 5:39, NVT) Além disso, afirmou categoricamente que: "E vocês sabem que as Escrituras não podem ser alteradas" (Jo 10:35, NVT). Por fim, quando Ele está na cruz, em seus últimos suspiros, Jesus fala das Escrituras, citando o Salmo 22: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?" (Sl 22:1, NVT).

Além disto tudo, os discípulos de Jesus, assim como ele, continuavam citando e demonstrando a confiabilidade do Antigo Testamento. Pedro cita a profecia de Joel no Pentecostes, Paulo faz alusões ao Antigo Testamento em todo tempo, em suas cartas, e escrevendo a Timóteo escreve a tão conhecida passagem: "Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para nos ensinar o que é verdadeiro ..." (2 Tm 3:16, NVT).

Portanto, o que é necessário para nós agora, é demonstrar a confiabilidade desses livros que registram Jesus e seus discípulos reconhecendo a Inspiração do Antigo Testamento, como Mateus, Lucas, Marcos, João, e todos os outros que compõem o cânon do Novo Testamento. Antes de avançarmos para o Novo Testamento, porém, é importante fazermos uma distinção entre a Tanak (Bíblia Hebraica) e a tradução do Antigo Testamento para o grego, conhecido como Septuaginta, que acabou incluindo alguns livros a mais do que havia na *Tanak* (os que são usados pela Igreja Católica).

Igreja Católica Apostólica Romana Igreja latina ou Ocidental	Igrejas Protestantes
Utilizam **todos** os livros da LXX que se encontram na Bíblia Hebraica e **mais 7 livros** que não se encontram na Tanak **46 livros** *A ratificação da inclusão desses 7 livros se deu no Concílio de Trento (sec. XVI) como uma das medidas da Contra-Reforma*	Utilizam **apenas** os livros da LXX que se encontram no Cânon da Bíblia Hebraica (Tanak) **39 livros**
Livros acrescentados: *Tobias; Judite; I e II Macabeus; Sabedoria; Eclesiástico (ou Sirach); Baruque*	***Antigo Testamento é exatamente idêntico ao Cânon Hebraico (Tanak)***

NOVO TESTAMENTO

O Novo Testamento é formado por 27 livros, e é dividido entre Evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João que são as biografias de Jesus Cristo), Atos dos apóstolos (que é a parte histórica que narra a história inicial da Igreja), as cartas

paulinas (cartas do apóstolo Paulo) e gerais (cartas de outros autores ou de autores desconhecidos) e Apocalipse (revelação do fim dos tempos dada a João).

Como cristãos devemos ter certeza, através de uma fé racional, que a Bíblia Sagrada é a Palavra de Deus. Por isso, vamos começar fundamentando que o Novo Testamento que hoje temos em mãos é historicamente confiável, não só no sentido de que traduz o que realmente aconteceu no passado, mas também no sentido de que as cópias não foram adulteradas no decorrer do tempo.

Confiabilidade histórica do Novo Testamento

Literaturas paralelas a Bíblia Sagrada, e a própria arqueologia, tem comprovado constantemente que a Bíblia é uma grande fonte de informações históricas confiáveis. O historiador Flávio Josefo, do primeiro século, confirma em sua obra "Antiguidades dos judeus" que o personagem principal das Sagradas Escrituras existiu, contrariando alguns intelectuais que afirmam não haver provas suficientes da existência de Cristo.

> "Naquela época vivia Jesus, homem sábio, de excelente conduta e virtude reconhecida. Muitos judeus e homens de outras nações converteram-se em seus discípulos. Pilatos ordenou que fosse crucificado e morto, mas aqueles que foram seus discípulos não voltaram atrás e afirmaram que ele lhes havia aparecido três dias após sua crucificação: estava vivo. Talvez ele fosse o Messias sobre o qual os profetas anunciaram coisas maravilhosas" (Flávio Josefo, Livro 18, capítulo 3, seção 3)

Além de ser uma fonte externa, e um autor não-cristão, Flávio Josefo também confirma que esse homem chamado Jesus, que era reconhecido como Cristo, tinha um irmão chamado Tiago que foi assassinado, como a Bíblia afirma. Paralelamente, acaba-se por confirmar, que os cristãos são um povo perseguido. Isto também é atestado pelo historiador romano Tácito.

> "Nero fez parecer como culpados os cristãos, uma gente odiada por todos por suas abominações (...) ainda que

> não os condenaram tanto pelo incêndio, mas sim pelo seu ódio à raça humana …" (TÁCITO, apud GONZÁLEZ, 1995,)

Tácito acaba demonstrando que existia um grupo de pessoas que eram denominadas como "cristãs", ou seja, existiu um homem chamado Jesus, que era proclamado como Cristo, que reuniu seguidores que foram odiados por todos os homens. É uma prova extrabíblica que a perseguição aos cristãos no primeiro século foi real. Além dos dois autores citados, há ainda mais oito autores que fazem menção a Cristo, são eles: Plínio, o jovem (político romano), Flegon (escravo liberto), Talo (historiador), Suetônio (historiador romano), Luciano (satirista grego), Celso (filósofo romano), Mara bar Serapion (cidadão comum) e Talmude. O importante de se notar é que muitas dessas fontes não são apenas não-cristãs, mas em boa parte anti-cristãs, como a Talmude dos judeus, Luciano que satirizava a fé cristã e Celso que fazia grave acusações aos cristãos. Se havia pessoas interessadas em negar a existência de Cristo, seriam elas. No entanto, elas acabam comprovando que ele realmente existiu ao criticarem e profanarem-no. Se a existência de Cristo é mera invenção, então por que temos menções dele fora da bolha religiosa, incluindo historiadores romanos e filósofos?

O apologista cristão Norman Geisler faz um apanhado das citações sobre Jesus nessas 10 fontes históricas mencionadas acima, e demonstra que apenas através delas podemos confirmar boa parte da história que o Novo Testamento nos relata:

1. Jesus viveu durante o tempo de Tibério César
2. Ele viveu uma vida virtuosa
3. Realizou maravilhas
4. Teve um irmão chamado Tiago
5. Foi aclamado Messias
6. Foi crucificado a mando de Pôncio Pilatos
7. Foi crucificado na véspera da Páscoa judaica.

8. Trevas e terremotos aconteceram quando ele morreu
9. Seus discípulos acreditaram que ele ressuscitou dos mortos
10. Seus discípulos estavam dispostos a morrer por sua crença
11. O cristianismo se espalhou rapidamente, chegando até Roma
12. Seus discípulos negavam os deuses romanos e adoravam Jesus como Deus

Ou seja, se não tivéssemos o Novo Testamento, saberíamos da existência de Cristo e dos cristãos. Logo, o pano de fundo histórico do Novo Testamento é válido. Além disso tudo, o Novo Testamento não é narrado como uma lenda ou história fantasiosa, mas como um fato histórico concreto, os autores do Novo Testamento citam personagens históricos, citam eventos, lugares geográficos, nome de pessoas, deixando seus rastros para que comprovem ou não o que está escrito. O Evangelho de Lucas, por exemplo, é conhecido por sua exatidão histórica, uma vez que dá muitos detalhes em suas narrativas que já foram reconhecidas pela arqueologia.

O professor Edwin Yamauchi afirma que temos a melhor fundamentação histórica sobre Jesus do que sobre o fundador de qualquer outra religião antiga, semelhante a Norman Geisler, ele faz um apanhado do que se poderia saber a respeito de Cristo sem o Novo Testamento:

1. Era um professor judeu
2. Realizava curas e exorcismos
3. Pessoas acreditavam que ele era o Messias
4. Foi rejeitado pelos líderes judeus
5. Crucificado por ordem de Pôncio Pilatos
6. Seus seguidores acreditavam que ele continuava vivo
7. Todo tipo de gente, da cidade e do campo, homens e mulheres, livres e escravos, o adoravam como Deus.

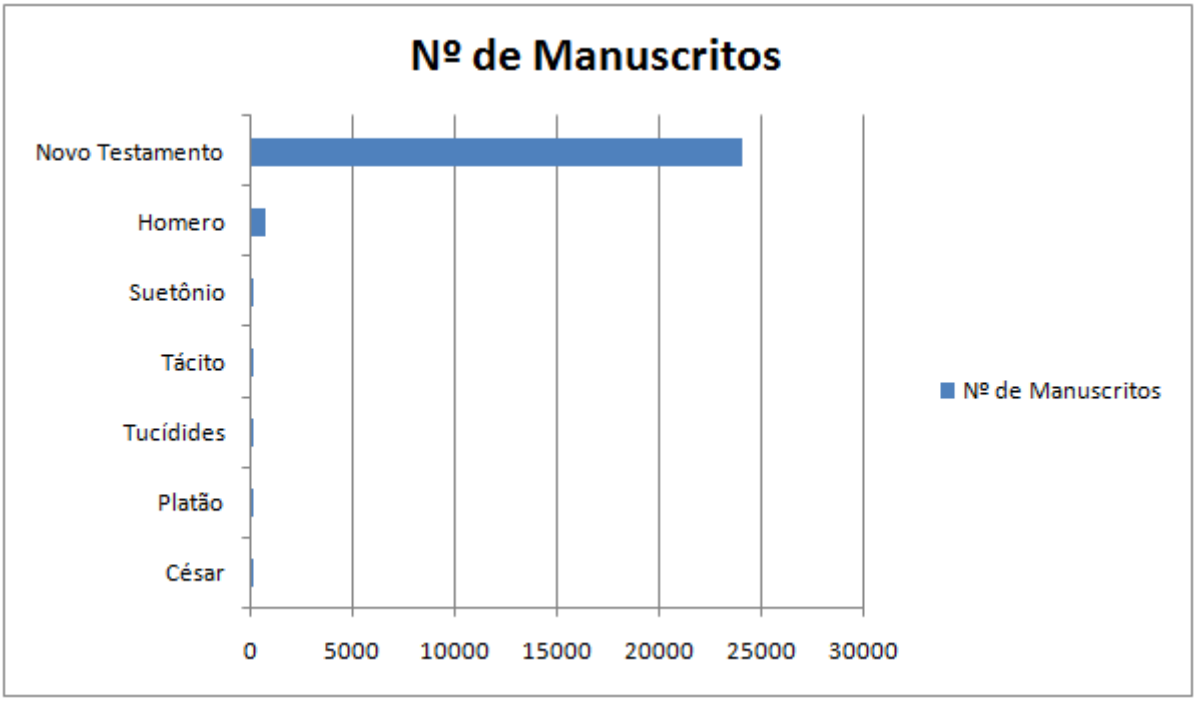
Justamente por ter todo esse aparato histórico que Jesus Cristo não pode ser equiparado a outros personagens lendários, como por exemplo Apolônio de Tiana,

que seria um profeta do século primeiro mais popular do que Jesus. Frequentemente, outros personagens históricos como esse são colocados como forma de questionamento a Jesus Cristo, como se ele fosse apenas mais um entre muitos profetas que existiram, ou como se ele fosse mais uma lenda entre tantas outras. No entanto, é bem diferente o arcabouço histórico que temos sobre Cristo do que temos sobre Apolônio. Os primeiros registros sobre Apolônio aparecem no século III, enquanto que ele viveu no século I, e são poucas fontes sobre sua vida e obra. No entanto, se compararmos com Cristo, vemos que os primeiros registros sobre sua vida e obra foram em uma janela de 25 anos apenas, e a imensidão de fontes e cópias supera em muito não apenas a história de Apolônio, mas a de qualquer líder religioso da Antiguidade e até mesmo qualquer outro documento histórico antigo.

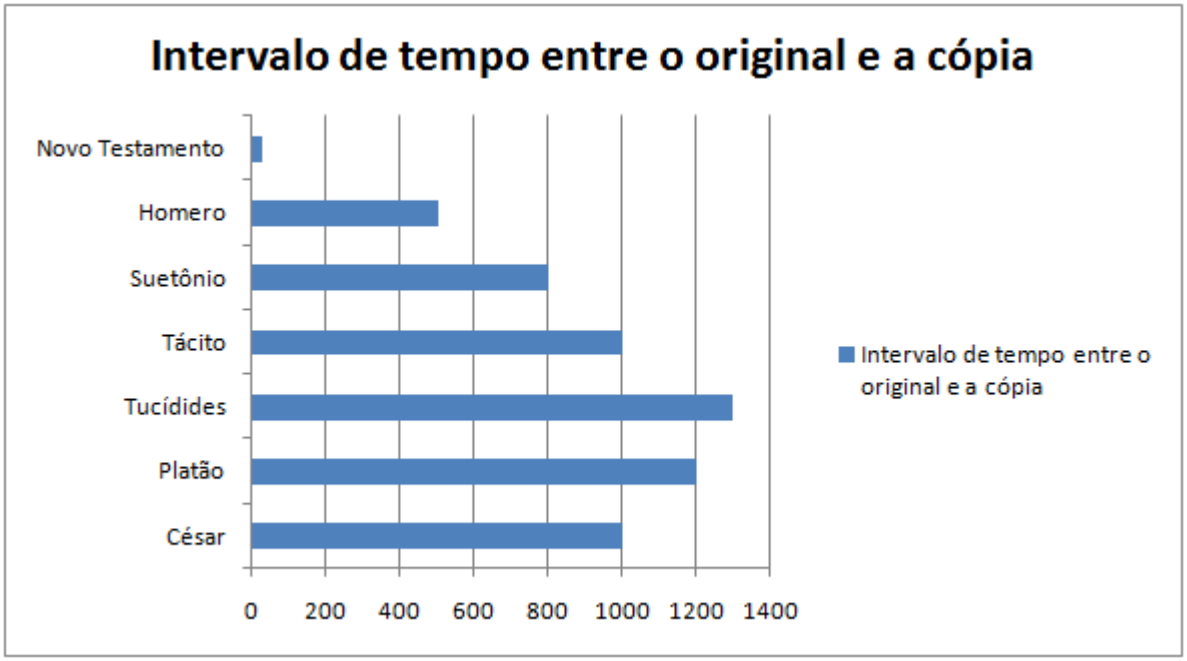
A confiabilidade da transmissão do Novo Testamento

Quando analisamos o Novo Testamento somos levados a afirmar que se trata do documento histórico mais bem fundamentado que existe, pelo seu grande número de cópias. Como sabemos, todos os autógrafos (documento original escrito pelo autor) se perderam e restaram apenas cópias de cópias de cópias, que são os manuscritos. O mesmo aconteceu com todos os documentos antigos de historiadores e biografias de personagens antigos. Logo, a pergunta a ser feita é sobre a legitimidade das cópias que sobreviveram. E nesse quesito, o Novo Testamento sai a frente de todos os outros por causa do seu elevado número de cópias. Frequentemente, a informação de que o Novo Testamento contém apenas cópias é colocada como uma forma de provocar dúvida, enquanto que na realidade "o que o Novo Testamento tem a seu favor especialmente quando se compara com outros escritos antigos, é a

multiplicidade sem precedentes de cópias que sobreviveram." (STROBEL, 2019, p. 74).



Como disse o professor Bruce Metzger, em entrevista ao jornalista Lee Strobel, a quantidade de material do Novo Testamento é quase constrangedora comparada em comparação com outras obras da Antiguidade. O segundo colocado, que é a Ilíada de Homero possui menos de 650 cópias, enquanto o Novo Testamento possui 5.000 apenas em língua grega, e somando com outros idiomas chega-se a 24.000 cópias. Além disso, a Ilíada de Homero também deixa muito a desejar no quesito de espaço de tempo em que o original foi escrito para as primeiras cópias remanescentes, deixando uma janela temporal aberta de 500 anos entre original e primeira cópia. Mas o Novo Testamento também se sai melhor nesse quesito do que todos os outros documentos.



O Novo Testamento possui o menor intervalo entre original e cópia. Segundo Norman Geisler, temos um intervalo de 25 anos entre original e primeiras cópias. Segundo outros estudiosos, que defendem que as primeiras cópias remanescentes são os fragmentos de John Rylands, encontrados na caverna de Qurm, ainda assim, o Novo Testamento fica à frente, pois sua data é de 100 a 150 d.C.

As variantes textuais

Frequentemente se diz que dentre as cópias do Novo Testamento nenhuma é idêntica a outra. E isso se deve as "variantes textuais". Diz-se que existem mais de 400.000 variantes textuais no Novo Testamento. O número é espantoso e gera algumas dúvidas, mas ao analisarmos o que seriam as variantes textuais, constatamos que a sua maioria é de natureza gramatical, como diferentes de pontuações, vírgulas e ortografia. Lembre-se de que a Bíblia é infalível, ela é a palavra de Deus e não contêm erros, mas as cópias não foram inspiradas por Deus, e os copistas estão sujeitos a erros.

O estudioso Philip Shaff analisou mais de 150 mil variantes e de todas elas nenhuma sequer afetou algum artigo da fé cristã. Ou seja, as variantes textuais não comprometem o conteúdo do Novo Testamento. Além do mais, as variantes textuais podem, em certa medida, ajudar na reconstituição do autógrafo, através do processo de comparação e de verificação cruzada.

--- CITERJ ---
Centro Interdenominacional de Teologia do Estado do Rio de Janeiro

Um órgão da AECB

CONTATOS
www.citerj.com.br - citerjaecb@gmail.com

WhatsApp: (21) 36118661 – (21) 9776 9825 (21) 967155926

Proibido a reprodução e cópia sem autorização do CITERJ